

---

## A Desconstrução do Ideal Identitário Iraniano no Projeto *Humans of New York*<sup>1</sup>

Ludmila e Silva MASI<sup>2</sup>  
José Riverson Araújo Cysne RIOS<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Ceará

### Resumo

O presente trabalho analisa como a representação de iranianos no projeto fotográfico *Humans of New York* (HONY) impactou a forma como estes são vistos pelo público estrangeiro. O Irã é representado na mídia ocidental com estereótipos negativos e recorrentes. O país, entretanto, passa por mudanças, ocasionadas pelo choque entre tradição e modernidade. Indo na contramão da mídia convencional, o HONY conseguiu retratar essa transição vivida no país. O artigo tem como objetivo compreender de que maneira os conceitos de identidade nacional e de globalização se aplicam nesse processo de desconstrução da percepção preconcebida dos cidadãos iranianos. Para isso, foram analisadas o conteúdo as postagens da página do HONY no Facebook que retratavam a população do Irã durante a visita do fotógrafo ao país em 2015.

**Palavras-chave:** fotografia; hony; identidade nacional; Irã; redes sociais

### Introdução

O conceito de identidade nacional e cultural vem sofrendo mudanças à medida que o mundo se torna mais globalizado. As identidades têm se deslocado, e se tornado fragmentadas (HALL, 2004), o que muda a forma como os indivíduos se relacionam consigo e entre si. Com o advento da Internet, as distâncias foram encurtadas e, por meio das redes sociais, internautas de diferentes partes do globo podem entrar em contato de forma instantânea, e sem a necessidade de uma instância que funciona como mediação, como ocorre, de certo modo, com a mídia.

Os veículos de comunicação tradicionais, inclusive, possuem um papel chave dentro desse processo de compreensão de identidades culturais e nacionais, com seus

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Aluna de Graduação do 7º semestre de Comunicação Social, Jornalismo, do ICA – UFC, email: [lud.masih@gmail.com](mailto:lud.masih@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho e professor do Curso de Comunicação Social da UFC, e-mail: [riverson@ufc.br](mailto:riverson@ufc.br).

---

chavões e estereótipos comuns. A Internet, por seu formato mais democrático e descentralizado, no entanto, funciona como um contraponto a este sistema tradicional. Pela primeira vez, os indivíduos que são retratados pela mídia estão tendo o espaço de se fazer retratar e ouvir sem a interferência desta.

Esse é o caso dos cidadãos iranianos que, nos últimos anos, têm se tornado presentes nas redes sociais e na Internet em geral, tendo a chance de entrar em contato com outros internautas, de diversas partes do globo. A questão, portanto, é de que forma esse contato, de certa forma direto, influencia na forma como estes indivíduos são percebidos, sobretudo pelos ocidentais.

O *Humans of New York*, HONY, é um projeto fotográfico que deu espaço para que cidadãos de diversos países orientais, como Irã, Paquistão, e Jordânia, pudessem ser mostrados de forma franca e imparcial. Em viagem ao Oriente Médio e à Ásia, o criador do projeto, o fotógrafo estadunidense Brandon Stanton, retratou estes indivíduos e divulgou seus relatos, dando uma plataforma para que eles fossem vistos.

O presente artigo analisa de que forma estas publicações feitas pelo HONY influenciaram a visão dos cidadãos iranianos pelos internautas ocidentais. É importante compreender mais sobre a questão identitária iraniana, assim como apresentar conceitos pertinentes para a discussão sobre identidade. Para isso, os conteúdos de três postagens, sobre o Irã, e os seus respectivos comentários, da página do *Humans of New York*, analisados e interpretados, aliados aos conceitos da identidade.

## **1. A questão da identidade no Irã**

O Irã é uma das muitas repúblicas islâmicas do oriente. Desde a Revolução Iraniana, no ano de 1979, o país vive sob o regime teocrático e antiocidental dos aiatolás. Quatro décadas após o início da revolução, o governo iraniano resiste às críticas e aos protestos da população, que questiona a legitimidade do regime. Foi o caso, por exemplo, nos dias seguintes às eleições de 2009, quando o povo foi às ruas protestar contra a reeleição do então presidente Mahmoud Ahmadinejad.

Foi nesse cenário que teve início o movimento, conhecido como Revolução Verde, no qual milhares de iranianos, principalmente jovens, uniram-se em protestos

---

contra a suposta fraude eleitoral cometida por Ahmadinejad. Os manifestantes pediam a recontagem dos votos e mudanças no ainda rígido regime teocrático. Apesar de não terem tido suas reivindicações atendidas, tal episódio marcou o início de um tipo de conflito cada vez mais presente no país: o confronto entre tradição e modernidade. É o que explica o jornalista Thomas Erdbrink, do *New York Times*.

Mas isso [Revolução Verde] foi violentamente reprimida, e o grupo de pessoas que toma as decisões permaneceu praticamente inalterado ao longo dos anos. No entanto, depois de permitir que muitos tabus sociais caíam, os líderes iranianos enfrentam o dilema de começar a traduzir as mudanças sociais em novas leis e costumes ou tentar manter os ideais da revolução de 40 anos atrás (ERDBRINK, 2019).<sup>4</sup>

Em dezembro de 2018, a população tomou novamente as ruas de várias cidades iranianas em nova onda de protestos<sup>5</sup>. Dessa vez, além de pedirem o fim do regime teocrático, os manifestantes protestaram contra a corrupção do governo e contra a situação econômica no país, o qual sofre com uma alta na inflação e alta taxa de desemprego.

A presença dos jovens nos protestos de 2009 e 2018 são exemplos da ampla participação destes na sociedade iraniana nas últimas duas décadas. Tal presença pode ser explicada pelo fato de que 60% dos 80 milhões de iranianos têm menos de 30 anos de idade.<sup>6</sup> Além disso, a juventude iraniana tem se mostrado politicamente ativa, sendo considerada a maior ameaça ao governo teocrático na atualidade (MEMARIAM, 2010).

As demandas dos jovens são, principalmente, o fim das censuras e das restrições presentes desde a Revolução Iraniana, a conquista de mais liberdade e a modernização do país – a qual teria seus alicerces numa aproximação ao mundo ocidental.

Pode-se dizer, portanto, que a sociedade iraniana do século XXI distancia-se, cada

---

<sup>4</sup>Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/depoimento-os-40-anos-da-revolucao-islamica-no-irada-teocracia-normalidade-23443093>

<sup>5</sup> Disponível em:  
<https://g1.globo.com/mundo/noticia/video-entenda-os-motivos-da-onda-de-protestos-no-ira>

<sup>6</sup> Disponível em:  
<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ir.html#People> Acesso em 23 de abril de 2017.

---

vez mais, daquela da pós-Revolução, ainda na década de 80. A contestação dos ideais que têm sido propagados pelo governo nos últimos quarenta anos representa um processo de desconstrução pelo qual estão passando os cidadãos iranianos, e, mais profundamente, a identidade iraniana.

Percebe-se, no mundo altamente globalizado do século XXI, que a sociedade pós-moderna passa por diversas transformações, sobretudo uma de caráter central e inédito: a fragmentação das identidades culturais e nacionais dos indivíduos.

Se antes as identidades eram tidas como unificadas, fixas e estáveis, hoje elas tornaram-se descentradas, problemáticas e variáveis. Sobre o assunto em questão, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman afirma que "A identidade - sejamos claros sobre isso - é um conceito altamente contestado. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha." (BAUMAN, 2004, p.83)

A batalha mencionada por Bauman, no caso iraniano, toma um caráter de confronto entre tradição e modernidade. Enquanto o governo dos aiatolás busca manter o ideal iraniano de castidade e de negação da influência ocidental, além do rígido seguimento da *xaria*<sup>7</sup>, a juventude do Irã defende um afrouxamento desses costumes.

As identidades nacionais estão em declínio, e no seu lugar surge um novo conceito, o de identidades híbridas (HALL, 1992). Essa mudança tem relação direta com a globalização. Com o advento da Internet, nota-se que as distâncias estão diminuindo, as fronteiras estão se fragmentando e as culturas estão em maior contato entre si.

No entanto, é importante ressaltar que o Irã, assim como outros países de regime teocráticos como a Arábia Saudita, adota uma postura de censura em relação à Internet. O governo iraniano exerce forte controle sobre os usuários, chegando a proibir *sites* como o Facebook. No relatório do ano de 2018 da organização Freedom House sobre acesso à rede, por exemplo, o Irã ficou em terceiro colocado na lista de piores países em relação à liberdade na Internet.<sup>8</sup>

No entanto, os iranianos têm encontrado maneiras de burlar a censura do governo

---

<sup>7</sup>Xaria ou Sharia é o nome dado ao conjunto de leis islâmicas, baseadas no Alcorão, responsáveis por ditar regras comportamentais de muçulmanos.

<sup>8</sup>Disponível em: <https://freedomhouse.org/report/countries-net-freedom-2018>

---

com a utilização de ferramentas virtuais. Na última década, os iranianos tem estado presente nas redes, mesmo que de maneira clandestina, e tem tido maior contato com o resto do globo. Esse contato influencia a forma como esses indivíduos são vistos e se veem, simultaneamente.

Embora os iranianos, assim como os muçulmanos em geral, tenham utilizado as redes para romper com os estereótipos de terrorismo e de misoginia representado pela grande mídia, sobretudo a ocidental, o discurso desta continua o mesmo. No entanto, a Internet tem ajudado nesse processo de dar voz para o grupo.

O Humans of New York, projeto fotográfico popular nas redes sociais, é um exemplo de uma página que deu espaço para uma diferente forma de representação destes indivíduos. O criador do projeto, Brandon Stanton, viajou por diversos países orientais, dentre eles o Irã, fotografando e entrevistando pessoas e expondo suas realidades de forma transparente e humanizada.

O projeto foi compartilhado praticamente em tempo real e ainda está disponível possivelmente em sua página no Facebook<sup>9</sup>, e influenciou de maneira profunda o modo como os cidadãos iranianos são vistos por internautas de várias partes do globo.

## **2. A queda das identidades nacionais**

No mundo pós-moderno, a cultura nacional é um dos principais aspectos das identidades culturais. Desde crianças, aprendemos o conceito de nacionalidade e, com o passar do tempo, compreendemos o peso por ele carregado. A nacionalidade é vista como parte chave da constituição da identidade dos indivíduos, e existe grande carga nesta classificação, sobretudo por conta dos estereótipos trazidos com ela.

É de suma importância esclarecer, entretanto, que a identidade nacional não é algo que está presente quando nascemos, e é, na verdade, uma construção social imposta à sociedade. Bauman afirma que:

"A ideia de identidade e, particularmente de identidade nacional, não foi naturalmente gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa forma como um fato da vida auto evidente. Essa ideia

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/humansofnewyork>

---

foi forçada a entrar na *Lebenswelt* de homens e mulheres modernos." (BAUMAN, 2004, p.26)

O teórico cultural jamaicano Stuart Hall divide o mesmo pensamento de Bauman acerca da criação do conceito de identidade nacional. Ele afirma, ainda, que essa invenção teria propósitos e características bastante específicos: "uma cultura nacional atua como uma fonte de significados culturais, uma fonte de identificação, e um sistema de representação." (HALL, 1992, p.34).

A compreensão da ideia de que o conceito de identidades culturais foi criado é importante para iniciar a discussão da razão pela qual estas estão em declínio. Segundo Hall, é simples: "A resposta é: um complexo de processos e forças de mudança, que por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo 'globalização'." (HALL, 1992, p.39).

De fato, é fácil perceber o impacto que este fenômeno causou desde o fim do século XXI.. A comunidade global está mais interligada, sobretudo, porque tanto o ritmo quanto o alcance da integração aumentou exponencialmente. As culturas nacionais estão em contato cada vez mais próximo e há claro afrouxamento de fontes de identificação com a sua própria identidade à medida que se é exposto às novas e diferentes culturas e influências. (HALL, 1992). O jornalista brasileiro Luís Mauro Sá Martino afirma que:

Nas questões culturais e de identidade, globalização significa que a identidade não é mais definida apenas pelo espaço local, pelas práticas da comunidade imediata, nem mesmo pelo contorno das fronteiras nacionais que definiriam partes comuns do caráter de um agrupamento de pessoas; trata-se de uma identidade global, na qual elementos de várias origens diferentes se aglutinam, se influenciam mutuamente, se definem e redefinem conforme o uso. (MARTINO, 2010, p.45).

É possível analisar a situação dos iranianos diante desse fenômeno de deslocamento da identidade cultural. O encurtamento das distâncias e o maior acesso à rede, mesmo que clandestinamente, possibilitaram um contato maior dos cidadãos iranianos com a cultura ocidental e vice versa. É exatamente esse contato que pode ocasionar o deslocamento das identidades. Se antes a identidade cultural iraniana parecia unificada e fixa, agora, na pós-modernidade, ela está em processo de fragmentação.

---

Está ocorrendo a desconstrução dos estereótipos nacionais criados ao longo dos anos. Se a Internet possibilita acesso imediato aos usuários e aos sites da maioria dos países do globo, ter contato com cidadãos de outros continentes não é mais um desafio, e é esse contato direto que permite a aproximação entre indivíduos.

A ausência da mídia tradicional nesse processo é fundamental para o rompimento dos estereótipos por ela perpetuados, pois os usuários podem tirar suas próprias conclusões. A falta da interferência da mídia permite, de certa forma, um distanciamento do discurso cotidianamente reproduzido por ela.

Se o processo de fragmentação está ocorrendo e mudando a identidade nacional iraniana, é justo afirmar que a forma como esses indivíduos são retratados também deveria passar por transformações, afinal a realidade desses países tem se distanciado do que é normalmente retratado pela grande mídia ocidental.

As mudanças que a sociedade do Irã vem passando não são, normalmente, pauta de notícias; o que costuma ser notícia é um retrato estereotipado de uma sociedade que, seria, ainda, arcaica, intolerante e infrutífera, numa região que é palco de conflitos e terror.. Essa representação limitada, além de não contemplar a realidade atual da sociedade iraniana, acaba também por cultivar e incentivar a visão preconceituosa e permeada por estereótipos do público ocidental de forma geral.

### **3. Construção das identidades**

Partindo da afirmação de que as identidades nacionais são construções sociais, é importante questionar de que forma estas são construídas e impostas à sociedade. Para Stuart Hall, essa construção é feita por meio de uma espécie de doutrinação ideológica por parte do Estado.

A identidade nacional seria construída, então, por meio de uma "narrativa da nação" (HALL, 1992), na qual os indivíduos são induzidos a se sentirem parte de uma comunidade mais ampla e mais antiga que eles, na qual a manutenção da tradição e o compartilhamento de uma história e de valores coletivos faria com que todos eles fossem, de alguma forma, conectados. Hall sumariza a ideia ao afirmar que:

Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto as nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. (HALL, 1992)

Considerando o papel do Estado na criação desta identidade, é essencial compreender também a posição da mídia nesse processo. Os veículos de comunicação assumem a posição de agente duplo: ao mesmo tempo que ajudam a construir a identidade nacional, também estão presentes no processo contrário, o de desconstrução e de deslocamento dessas identidades. (HALL, 1992)

A influência da grande mídia no processo de construção da identidade cultural ocorre por conta de seu estabelecimento como uma poderosa ferramenta de formação de opinião. Ao reproduzir o discurso das identidades nacionais, a mídia não apenas o amplifica, mas também o alimenta. No momento do deslocamento destas, o processo ocorre da mesma forma: uma nova fala é apresentada e oferecida ao público.

#### **4. *Humans of New York***

O *Humans of New York*<sup>10</sup> (HONY) é um projeto fotográfico iniciado no ano de 2010 e criado e desenvolvido pelo nova-iorquino Brandon Stanton, com o intuito de fotografar 10 mil pessoas na cidade de Nova Iorque, formando um catálogo de moradores.

O foco do projeto é fotografar pessoas anônimas com quem Stanton cruzava em seu cotidiano nas ruas de Nova Iorque. Sua interação com os entrevistados, que antes limitava-se a um pedido de fotografia, tornou-se mais profunda à medida que Stanton começou a conversar com as pessoas fotografadas de modo informal. Os relatos registrados por Stanton, em sua maioria, são histórias e desabafos dos indivíduos retratados nas imagens.

Inicialmente, as fotos eram postadas num blog criado dentro do site *Tumblr*.

---

<sup>10</sup>Blog: <http://www.humansofnewyork.com/>



---

Nove anos depois, o projeto tem seu próprio domínio, mas a plataforma de maior alcance é a sua página no *Facebook*. Com mais de 18 milhões de curtidas<sup>11</sup>, a página é atualizada diariamente, e as postagens, em geral, têm o formato padrão de uma fotografia junto de uma citação do indivíduo nela retratado. A página conta com grande envolvimento do público com as histórias postadas, que pode ser percebido pelo número de curtidas, comentários e compartilhamentos em cada postagem.

O projeto realiza, esporadicamente, séries sobre nichos ou acontecimentos específicos. Foi o caso, por exemplo, em 2015, quando Stanton iniciou uma nova série dentro do projeto e, com o apoio da Organização das Nações Unidas (ONU), viajou ao redor do globo visitando 12 países “periféricos” na África, Ásia, América Central e Europa. Tal projeto deu à página a alcunha de *Humans of Planet Earth* (Hope)<sup>12</sup>.

O presente trabalho foca na série do HONY executada fora dos Estados Unidos no ano de 2015, durante a qual ele visitou o Irã. Com ajuda de intérpretes, o fotógrafo buscou conduzir as entrevistas e as fotos da mesma forma como faz em solo americano. As postagens retratavam homens, mulheres, jovens, crianças e idosos, em cidades grandes e pequenas do país, e receberam grande atenção do público e da mídia.

De forma inédita, o fotógrafo americano estava enviando quase instantaneamente histórias reais sobre indivíduos que antes pareciam estar a grande distância, não apenas geográfica, dos internautas ocidentais. Através dos relatos, estes puderam perceber que os indivíduos retratados nas postagens não pareciam se encaixar dentro do cenário de terror retratado pela grande mídia normalmente, e uma nova imagem de iranianos ganhou espaço para ser construída.

## 5. Metodologia

Uma análise de conteúdo foi conduzida, utilizando as fotografias e os relatos feitos no Irã, no ano de 2015, e postados na página oficial do HONY no Facebook, assim como os comentários das próprias postagens.

A escolha das postagens a serem analisadas foi feita levando em consideração o assunto do relato e a sua popularidade. Foram selecionadas três *posts* que abordavam

---

<sup>11</sup>Facebook: <https://www.facebook.com/humansofnewyork/> acesso em 6 de abril de 2019.

<sup>12</sup> Trocadilho com a palavra inglesa *hope*, que quer dizer esperança.

questões relacionadas à identidade do indivíduo retratado ou do país em questão, seja reforçando ou rompendo com algum estereótipo do que seria o ideal identitário iraniano.

A maioria das publicações enquadra-se nesse quesito, portanto, foram escolhidas as mais populares, ou seja, as com maior interação do público, mais curtidas, comentários e compartilhamentos. Os comentários que serão analisados dos *posts* selecionados foram os de maior relevância dentro da discussão sobre a identidade cultural e nacional do indivíduo retratado na imagem. Foram escolhidas três postagens dentre as 30 postadas por Brandon num intervalo de quinze dias.

As postagens seguem reproduzidas com a descrição do que está representado na fotografia e com as citações dos indivíduos retratados em cada postagem, traduzidas, assim como os comentários selecionados.

## 6. Análise das postagens e dos comentários

O primeiro post analisado foi postado no dia 26 de agosto de 2015, possui 542 mil curtidas, e retrata uma mulher sentada à mesa num restaurante em espaço aberto. À sua frente, uma pizza, pratos e copos, e ela está virada para a câmera sorrindo. Tem um véu leve na cabeça que cai por sua roupa, mas seu cabelo é visível.



---

Seu comentário é consideravelmente longo e fala sobre as mudanças que o país está vivenciando:

As coisas estão mais livres. Mesmo alguns anos atrás, eu não poderia usar essa roupa que estou usando sem sofrer repreensão. Os lenços estão ficando mais brilhantes e mais soltos. As mangas estão ficando mais curtas. A risada está ficando mais alta. Esse é um país muito jovem. Mais da metade da população tem menos de 30 anos. Você já viu uma criança iraniana? Elas são as crianças mais travessas do planeta. Se você quer que uma criança iraniana faça uma coisa, diga para eles não fazerem. Diga-lhes para não se beijar. Diga-lhes para não segurar as mãos. Diga-lhes para vestir roupas pretas. Diga-lhes para não usar o Facebook. Esse país é cheio de crianças travessas e curiosas. E as pessoas que fazem as regras estão ficando velhas. E elas, assim como os pais iranianos, estão ficando exaustas.<sup>13</sup> (Tradução livre)

O relato da mulher vai de encontro à imagem do Irã que é noticiada no mundo ocidental, o que é ressaltado pelo comentário com maior número de curtidas. Ele possui 615 curtidas, e foi feito por uma mulher britânica que admira a beleza da foto e do post. "Ela é tão bonita! Eu amo esse post. Muito refrescante ver esse lado do Irã. Muito diferente do que a mídia tradicional nos faz acreditar!"<sup>14</sup>.

Um segundo comentário de relevância foi escrito por uma internauta irlandesa, recebeu 185 curtidas, e dizia: "*Humans of New York* mudou completamente a minha ideia predisposta de como eu pensei que o Irã parecia. Eu me sinto uma boba".<sup>15</sup>

Percebe-se, em especial no primeiro comentário, que o relato da foto não era coeso com a ideia que muitos usuários têm da realidade no Irã. O segundo, por sua vez, reforça a ideia de que, de fato, o projeto de Brandon está tendo algum impacto, pelo

---

<sup>13</sup> "Things are getting freer. Even a few years ago, I couldn't wear what I'm wearing now without inviting a rebuke. The scarves are getting brighter and looser. The sleeves are getting shorter. The laughter is getting louder. This is a very young country. More than half the population is under 30. Have you ever seen an Iranian child? They are the most mischievous children on the planet. If you want an Iranian child to do something-- tell them not to do it. Tell them not to kiss. Tell them not to hold hands. Tell them to dress in black. Tell them not to use Facebook. This country is full of mischievous, curious Iranian children. And the people who make the rules are getting older. And just like the Iranian parent, they are getting exhausted." Disponível em: <https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735/1064267233647376/?type=3&theater>

<sup>14</sup> "She's beautiful! I love this post. So refreshing to see this side of Iran. Very different to what the mainstream media would have us all think!"

<sup>15</sup> "Humans of New York has completely changed my predisposed idea of how Iran looked like. I feel like a fool!"

---

menos, naqueles que são expostos ao HONY.

A segunda postagem escolhida, feita dia 20 de agosto, também retrata uma mulher, que está em pé, sorrindo, numa calçada. Aqui, a fotografia chama bastante atenção antes mesmo de considerar o teor de seu relato, pois a mulher está vestida com cores fortes e vibrantes.



Ela veste uma saia longa e florida, bastante colorida. A blusa preta está praticamente toda coberta por um leve casaco branco com azul turquesa e pelo lenço leve, de tom magenta, que cobre pouco seus cabelos e cai sobre seu corpo, como um cachecol. No ombro, carrega uma grande bolsa azul, e nas mãos, um par de óculos. O batom vermelho que usa também chama a atenção.

Seu relato é curto: “Eu me apaixonei pela literatura. Eu tento ler por uma ou duas horas todos os dias. Eu só tenho uma vida para viver, mas nos livros posso viver

---

mil vidas”<sup>16</sup>. De início, talvez não pareça que seu relato tenha contato com a questão da identidade. No entanto, ele demonstra um contraponto em relação ao estereótipo de opressão e censura às mulheres que circunda o Irã desde a Revolução Iraniana. Não apenas visualmente, mas também intelectualmente, a mulher da foto parece representar, de certa forma, o oposto disso.

O comentário com mais curtidas levanta uma questão interessante: a da noção de universalidade que a imagem passa. Feito por uma estadunidense, o comentário teve mais de 2.500 curtidas. “De uma americana bastante reclusa, meu primeiro pensamento foi ‘Isso é o Irã? Isso parece com Nova Iorque’. Eu amo como essas fotos abrem meus olhos para o que o mundo realmente é”<sup>17</sup>.

Outro comentário, que recebeu cerca de 100 reações foi feito por uma brasileira e fez referência à frase que acompanha a fotografia: “O HONY nos faz viver mil vidas também!”<sup>18</sup>. Pode-se afirmar que a autora do comentário parece dar ao *Humans of New York* um papel de relevância dentro da sua realidade. Ele seria, de certa forma, uma ferramenta que permitiria aos seus seguidores ampliar a visão de mundo e experienciar novidades.

Por fim, a última fotografia foi postada em 25 de agosto, e recebeu mais de 450 mil curtidas. Ela retrata um casal segurando um bebê nos braços, num lugar que parece ser um centro comercial, e nenhum dos três faz contato visual com a câmera.

---

<sup>16</sup> “I’ve fallen in love with literature. I try to read for one or two hours every day. I only have one life to live. But in books I can live one thousand lives.”Disponível em: <https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735/1059335417473891/?type=3&theater>.

<sup>17</sup> “From one very sheltered American, my first thought was, “This is Iran? This looks like New York!” I love how these photos open my eyes to what the world is really like.”

<sup>18</sup> “HONY makes us live a thousand lives as well.”





“Quando ela nasceu, eu a abracei mas ela não chorou. Eu pensei: ‘meu Deus, alguma coisa está errada’. Mas as enfermeiras me disseram para aguardar um segundo. E elas limpavam alguma coisa da garganta dela. E então ela começou a chorar. Então eu comecei a chorar. E pela primeira vez eu soube como é ser uma mãe”<sup>19</sup>.

Assim como a segunda postagem analisada, o que chama atenção nesta, é a sensação de universalidade passada por ele. A cena de amor entre a família, retratada na foto, e o teor do desabafo da mãe, pelo relato, são situações praticamente universais. Essa é, inclusive, uma observação presente em vários comentários: diversas mães dos mais variados países se relacionaram com a preocupação e o amor maternos contidos no relato.

O comentário com mais curtidas, feito por um homem mexicano, recebeu 1.600 reações: “Esse país realmente não é o que a mídia faz parecer ser”<sup>20</sup>. A referência a

<sup>19</sup>“When she was first born, I hugged her, but she didn't cry. I thought: ‘Oh God, something's wrong.’ But the nurses told me to hold on a second. And they cleared something from her throat. Then she started crying. Then I started crying. And for the first time I knew how it felt to be a mother.” Disponível em: <https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735/1063345887072844/?type=3&theater>

<sup>20</sup>“This country really isn't all the news makes it out to be”. Disponível em: <https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735/1063345887072844/?type=3&theater>

---

mídia chama atenção por ser frequente nas postagens relacionadas ao Irã e a outros países do Oriente Médio e da Ásia, como o Paquistão.

Pelos relatos do público do *HONY*, as imagens que são perpetuadas destas nações pela mídia ocidental são, na maioria das vezes, negativas. Como explica Roodehchi (2014, p.1), “Como americanos, existe um número de coisas que associamos com o Irã: fundamentalismo, opressão, mentira, irracionalidade e brutalidade.”

“Esses *posts* me deram novos olhos para o Oriente Médio”<sup>21</sup>, afirmou uma internauta estadunidense. Analisando os mesmos comentários, é justo que o *Humans of New York* tem agido como um contraponto à grande mídia ocidental para àqueles que são expostos a suas postagens.

## 7. Considerações finais

Podemos perceber com a análise das postagens e dos comentários da página *Humans of New York* que os relatos capturados pelo fotógrafo Brandon Stanton impactaram na forma que seu público vê os cidadãos iranianos.

Compreendemos também como a desconstrução das identidades nacionais colabora para a mudança na percepção dos leitores do HONY. À medida que iranianos aproximam-se das culturas de outros países, sobretudo os ocidentais, ocorre um deslocamento de suas identidades. Esse processo está presente em várias outras regiões..

Com o advento da Internet e da globalização, esse processo tornou-se mais perceptível e essas trocas culturais mais acentuadas. Isso acaba por intensificar o contato entre usuários, dando assim continuidade a este ciclo.

Importante ressaltar a relevância de projetos como o de Brandon: foi a partir de sua cobertura que dezenas de cidadãos tiveram a oportunidade de dar voz aos seus países e a si mesmo de forma franca e de romper com os estereótipos cultivados pela mídia tradicional. Ademais, o presente artigo mostrou a capacidade da mídia alternativa e da Internet de se conectar com o público de forma direta e instantânea, ampliando o

---

<sup>21</sup>“ These posts have given me new eyes to the Middle East.” Disponível em: <https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735/1063345887072844/?type=3&theater>

---

alcance e o horizonte da comunicação na atualidade. Este tópico deve ser explorado em futuros trabalhos, que contemplem outros exemplos desta força

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z.. **Identidade**. Tradução: Carlos Humberto Medeiros. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 2004.

ERDBRINK, T. **Depoimento: Os 40 anos da Revolução Islâmica no Irã - da teocracia à 'normalidade'**. 11 de fevereiro de 2019 às 14:12. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/depoimento-os-40-anos-da-revolucao-islamica-no-irada-teocra-cia-normalidade-23443093>

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução: Guacira Lopes Louro. – 1 ed. - São Paulo: Lamparina, 2014.

*Humans of New York*. 26 de agosto de 2015 às 20:21. Disponível em: <https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735.4429.102099916530784/1064267233647376/?type=3&theater>. Acesso em: 06 de abril de 2019.

*Humans of New York*. 25 de agosto de 2015 às 20:21. Disponível em: <https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735/1063345887072844/?type=3&theater>  
Acesso em: 06 de abril de 2019

*Humans of New York*. 20 de agosto de 2015 às 20:21. Disponível em: <https://www.facebook.com/humansofnewyork/photos/a.102107073196735/1059335417473891/?type=3&theater>. Acesso em: 06 de abril de 2019

MARTINO, Luís Mauro de Sá. **Comunicação e identidade: quem você pensa que é?** – 1 ed. - São Paulo: Paulus, 2010.

MEMARIAN, O. *The Youth. The Iran Primer*. Disponível em: <https://iranprimer.usip.org/resource/youth>

ROODEHCHI, S. **Prejudiced portrayals: how western misrepresents Iran**. Disponível em: <http://tuftsoobserver.org/prejudiced-portrayals-how-western-media-misrepresents-iran/>

STANTON, Brandon. *Humans of New York*. Nova Iorque: St Martins Press, 2013.;  
STANTON, Brandon. *Little Humans*. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 2014. e  
STANTON, Brandon. *Humans of New York: Stories*. Nova Iorque: St Martins Press, 2015.